

Invasores são retirados de Taguatinga

Os 170 barracos da invasão do Areal foram derrubados e os fiscais do governo dizem que algumas pessoas têm lotes em outros lugares

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

O governo do Distrito Federal está cumprindo o que prometeu. Todas as recentes invasões em áreas públicas estão sendo derrubadas. Ontem pela manhã, mais uma sucumbiu. Em menos de duas horas, policiais do 2º Batalhão de Polícia Militar de Taguatinga, fiscais do Serviço de Vigilância do Solo (Siv-solo) e da Terracap colocaram abaixo uma invasão armada no Areal, na QS 10.

A área foi ocupada pelos invasores na última terça-feira. Ontem, havia 170 barracos no local, todos de lona e plástico. Com a chegada dos policiais, os invasores se rebelaram e houve confronto. Duas pessoas acabaram presas e foram encaminhadas à 12ª Delegacia de Polícia (Taguatinga).

"A maioria deles já tem lote na outra invasão do Areal, que existe há mais de dois anos", garantiu o fiscal da Terracap, Maurício Ferreira. "Iremos intensificar a fiscalização e colocaremos vigilância aqui durante 24 horas", avisou.

E ele tem razão. Muitos dos invasores estavam lá apenas para garantir mais um lote. "Podem derrubar o que quiserem, mas a gente não vai mais sair daqui. Nós temos direito a moradia", gritava a invasora Luzia Ferreira da Silva, 32 anos. Ela é uma das pessoas que já tem barraco na invasão da Areal. Outros, menos inflamados, pegaram o que sobrou e foram embora. Não houve prejuízo porque em muitos barracos, além da lona, não havia nada dentro.

"Se não agirmos em tempo, irão aparecer novas invasões como a da Estrutural. E isso o governo não permitirá mais", afirmou, categórica, Alexandra Reschek, presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab).

Por falar em Estrutural, Alexandra adiantou que receberá na próxima semana o levantamento realizado na invasão desde novembro. "Saberemos quantos são e, só assim, faremos o reassentamento das famílias cadastradas para a área do Recanto das Emas."

Em relação às "favelas históricas" — expressão usada pelo Idhab para classificar as invasões que existem há décadas — a presidente da instituição disse que já foram liberados recursos para fazer também o reassentamento

dessas famílias.

"Nossa meta é atender a lista da Shis (hoje Idhab) e dar um tratamento adequado às favelas históricas por meio de grupos de organizados e cadastrados", explica Alexandra.

REMANESCENTES

E ontem ainda teve confusão na invasão do terreno da creche em Samambaia, na quadra 301. Mesmo depois que os fiscais da Administração Regional e Siv-solo derubaram os 480 barracos da invasão, houve quem resistisse. O cenário da invasão era de pós-guerra: destroços por todos os lados, madeira queimada, móveis danificados e muita lama, provocada pela chuva da madrugada.

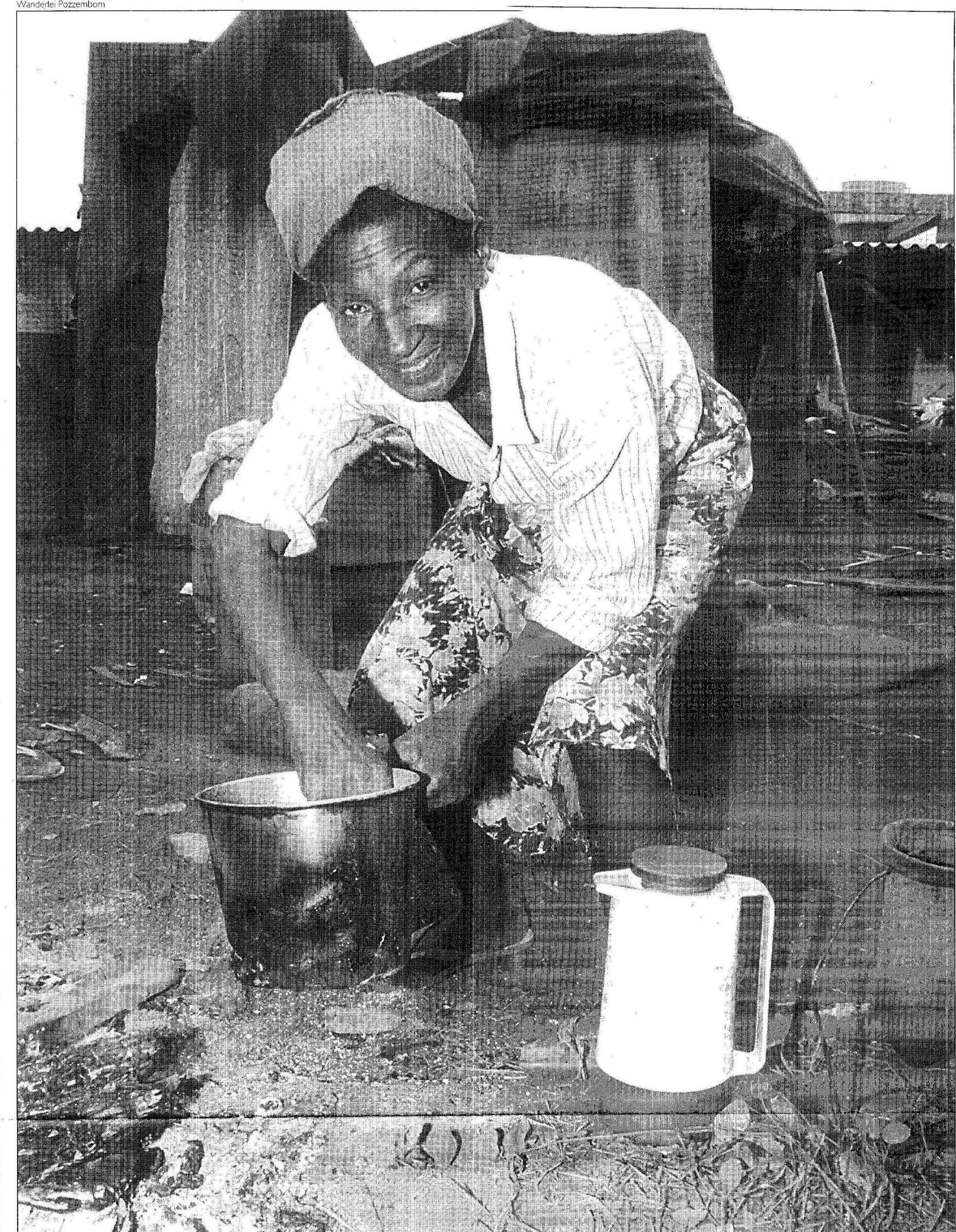
A invasora Cinara Aparecida Figueiroa foi presa e algemada pelos policiais da 2ª Companhia Independente de Samambaia. Ela tentava erguer o barraco em que morava.

Sentada em cima de um compensado de madeirite — a única coisa que sobrou do seu barraco além de uma pia, duas trouxas de roupa e um surrado colchão — a invasora Renata de Araújo, 18 anos, era o retrato do desespero.

Com os dois filhos no colo, Renata foi uma das primeiras moradoras da invasão. Estava lá há oito meses. "Meu marido morreu há dois meses e eu não tenho para onde ir. Nem parente tenho", disse. "Passei a noite com meus filhos debaixo de chuva. Se não fosse uma mulher de Samambaia nem café da manhã a gente tinha tomado."

Mais revoltado que Renata estava o vendedor ambulante da Rodoviária Gleidimar Rocha, 28. Retirando o resto da madeira de dentro do seu barraco — o que ficou mais ou menos intacto —, ele se perguntava: "Cadê o governo democrático e popular?". Ele mesmo respondia: "Tá de férias".

De bem com a vida estava Teresinha Maria da Conceição, 54. Experiente no assunto, ela já esteve na invasão do Sudoeste, do Setor de Indústrias e agora vivia na invasão da creche de Samambaia com 15 dos seus 21 filhos. "Tá tudo bem, o importante é que a gente tem saúde", comemorou. Ontem, ela acendeu um fogo em frente dos destroços do seu barraco e passou café. Ao meio-dia assou orelha de porco e fazia planos para o futuro. "A gente vai procurar outro lugar para invadir."



Terezinha da Conceição é uma veterana de invasões. Ela assou orelha de porco depois de ter o barraco derrubado e faz planos: "Vamos procurar outro lugar para invadir"



Renata de Araújo diz que perdeu o marido e não tem para onde ir